

**DURVAL MARCONDES - O PRIMEIRO CAPÍTULO
DA PSICANÁLISE E DA PSICOPEDAGOGIA
EM SÃO PAULO**

Elisabete MOKREJS *

RESUMO: Durval Marcondes foi pioneiro da psicanálise no Estado de São Paulo. Deve-se a ele a primeira divulgação científica da psicanálise no Brasil, de modo a caracterizá-la como instituição de reconhecimento internacional, por meio da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Foi notório seu desempenho frente ao ajustamento do escolar, com a fundação das Clínicas de Orientação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Medicina. Educação. Ajustamento. Infância.

O nome de Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981) ocupa um lugar de destaque no estudo das origens da Psicanálise no Brasil. Particularmente em São Paulo, já que no Rio de Janeiro a história da psicanálise se desenvolveu de modo bem diferente, o médico Durval Marcondes imprimiu à difusão das idéias de Freud um tom arrojado e firme, denotando a certeza de que os fatores psicológicos mais profundos não podem permanecer à margem das questões da medicina.

Tendo sido despertado para a temática psicanalítica nas aulas de Franco da Rocha, já em 1919, não hesitou, logo após a formatura, em Medicina, em acolher no seu divã de psicanalista, os casos dos pacientes mais renitentes que lhe eram enviados por Franco da Rocha.

De reconhecida inteligência, Durval Marcondes impressionou, vivamente, pela facilidade com que se afirmou nos vários domínios do saber. Expressava-se artisticamente como poeta, cultivava a boa música e a literatura, ao mesmo tempo que se correspondia com figuras expressivas da psicanálise como o próprio Freud e Franz Alexander nos Estados Unidos.

Por meio de Raul Briquet, professor de obstetrícia e simpatizante da psicanálise, Durval Marcondes conheceu o "International Journal

* Professora Doutora do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP - Universidade de São Paulo.

of *Psicho Analysis*” periódico que apresentava artigos de Freud, permitindo assim, ao médico paulista a atualização de idéias nesse campo.

Analisando, em certo momento, a entrada da psicanálise no Brasil, Marcondes percebeu que as mudanças ocorridas no período que se seguiu ao término da 1ª guerra mundial, constituíram um fator importante para a “compreensão do papel das pessoas na vida social”. Referiu-se aos diferentes aspectos da participação da mulher no âmbito da moda, do trabalho e dos costumes. No teatro e na literatura, as expressões já apresentavam maior liberdade moral. A arte modernista desencadeou uma revolução estética significativa. Esses fatores, a seu ver, propiciaram um clima favorável para o início da psicanálise no Brasil.

Um marco importante no início da trajetória psicanalítica de Durval Marcondes foi a redação do livro *O Simbolismo Estético na Literatura — Ensaio de uma Orientação para a Crítica Literária*, baseado nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise⁽¹⁾.

(1) Marcondes Durval. *O Simbolismo Estético na Literatura*. Seção de Obras de «O Estado de S. Paulo». São Paulo, 1926.

Esse trabalho foi enviado a Freud para que «ele tomasse conhecimento de que estava se interessando pelas idéias dele». Freud enviou uma carta a Durval Marcondes afirmando que, embora sem conhecer português, pudera ler o trabalho, já que estudara espanhol para ler Cervantes, enquanto ainda estudante. Esse trabalho foi elaborado por Durval Marcondes, para o concurso de ingresso de professor de literatura no Ginásio do Estado.

O livro apresenta dois capítulos: I — O Pensamento Simbólico em Geral — (Consciente e inconsciente; satisfação instintiva; prazer e desprazer; os princípios do prazer e da realidade; a censura. Evolução dos meios de satisfação instintiva; fixação e regressão. A fantasia e seu papel na satisfação instintiva, seus excessos patológicos; o gênio e a loucura. O pensamento simbólico e vários de seus aspectos; a orientação da crítica de arte). Cap. II — O Pensamento Simbólico na Literatura (A escola poética simbolista como expressão do pensamento simbólico literário. O simbolismo na linguagem verbal e escrita. Literatura e mitologia, o simbolismo nos mitos — o mito do herói. Literatura e sonho. O simbolismo literário; tentativa de sua interpretação psico-analítica na crítica literária). Sobre a bibliografia apresentada no final do texto, Durval Marcondes sugere especial consulta às três obras seguintes que encerram preciosa bibliografia de literatura psicanalítica: RÉGIS, E. et HESNARD, A. *La Psychanalyse des Névroses e des Psychoses*, 2ª ed., Paris, 1922. ROCHA, Franco da. *O Pansexualismo na Doutrina de Freud*. São Paulo, 1920. MORSELLI, Enrico. *La Psicanalisi*, Torino, 1926. A seguir menciona: FREUD, S. *Obras Completas*, edição espanhola, nas quais destaca os seguintes estudos: EL delirio y los sueños en la «Gradiva», de JENSEN, W., Tomo III. *La Interpretación de los sueños*, Tomos VI e VII. *Un recurso infantil de Leonardo da Vinci*. Tomo VIII. RALPH, J. *Connais toi-même par la Psychanalyse*. Paris, 1924. LAFORGUE, R. et ALLENDY, R. *Psychanalyse et les Névroses*, Paris, 1924. JONES, Ernest. *Traité théorique et pratique de Psychanalyse*. Paris, 1925. CHARLES-BAUDOIN, L. *Le Symbole Chez Verhaeren*, Genève, 1924. ROGUES DE FURSAC, J. *Les écrits et les dessins dans les maladies nerveuses et mentales*, Paris, 1905. RIBOT, *Essai sur l'imagination créatrice*, PAILLANDRES, E. *Les Images*, Paris, 1910. BLEULER, E. *Traité de Psychiatrie*, Madrid, 1924. CARVALHO, Vicente de. *Poemas e Canções*, 3ª ed., São Paulo, 1917. FAREL, O.L. *La Psychologie des Névroses*, 4ª ed., Genève, 1905. RANK, Otto. *Il mito della nascita degli eroi*, trad. italiana, 1921. AZEVEDO, Aluísio de. *Casa de Pensão*, Rio de Janeiro, Paris.

Nessa obra, impregnado por conceitos da primeira tópica freudiana, Durval Marcondes situa o papel do inconsciente como a "fonte dinâmica do nosso psiquismo" e como receptáculo dos instintos, os quais "fatores básicos da conservação do indivíduo e da espécie são as molas da personalidade, as forças motrizes da atividade psíquica". Prossegue afirmando que "os instintos ligados à função reprodutora que, pela sua mesma finalidade, têm a máxima importância biológica, são os que mais influem sobre a orientação dos fenômenos mentais" (2). Depreende-se dessas afirmações uma concepção estática do inconsciente, abrigando os instintos, sem dar lugar a conteúdos representativos das pulsões.

Referindo-se ainda, à adaptação dos modos de satisfação dos instintos "às condições atuais do meio", afirma Durval Marcondes que "passam os instintos por uma evolução no decorrer do desenvolvimento individual, evolução essa que, como a ontogênese repete abreviadamente a filogênese, é um resumo da que se verifica no desenvolvimento da espécie" (3). Observa-se nessa afirmação a aplicação literal da "teoria da Recapitulação" às idéias freudianas.

Na caracterização da "censura", ressalta o tom imediatista dos "preceitos, de ordem moral, que determinam a inibição de certos impulsos", não deixando lugar para a conotação de consciência moral, que prefigura o conceito de superego. O papel da censura destaca-se pelo fato de que "verdadeira sentinela na porta da consciência, antepõe-se aos desejos incompatíveis com a vida social, recalçando-os para as regiões profundas do inconsciente". Prossegue explicando que a tendência afetiva "chamada em psicologia complexo" (4) deve submeter-se aos ditames da censura para "atualizar-se, isto é, tornar-se objeto do interesse consciente".

Vinculados a essa evolução ontogenética, encontram-se os fenômenos da fixação e da regressão, explicados, especialmente, pela presença de fatores traumáticos na história do indivíduo. Os fatores constitucionais são mencionados apenas de passagem: "Adicionando-se às condições hereditárias, as forças inibidoras do ambiente modelam, pois, o caráter individual, determinando desde a época infantil a formação dos complexos que hão de reger as predileções afetivas" (5).

Entretanto, os fatores filogenéticos são, novamente, evocados nas considerações sobre a fantasia, processo em que "a realidade externa,

(2) Idem, *ibidem*, p. 1.

(3) Idem, *ibidem*, p. 3.

(4) A despeito das reservas de Freud no emprego do termo «Complexo», Durval Marcondes esclarece, genericamente, o sentido do termo: «No rigor científico da palavra, complexo é um conjunto de elementos representativos ligados por um tom afetivo idêntico. Para simplificar, encaro aqui somente o impulso motor que se prende a essas representações. MARCONDES, D. Idem, *ibidem*, p. 3, rodapé.

(5) Idem, *ibidem*, p. 4.

ou material, cede lugar a uma realidade interna, ou psíquica (autismo-introversão)". Esses últimos elementos são discutidos pelo autor paulista a partir de citações de Laforgue e Allendy associadas às idéias de Freud, no que se refere à simbolização e à formação onírica.

Atendendo ao tema objetivado — O Simbolismo Estético na Literatura — Marcondes afirma que o "estudo analítico do simbolismo estético tem o mesmo valor psicológico da interpretação onírica. Sublinha, que cabe à psicanálise "analisar cuidadosamente a imagem estética e procurar o complexo inconsciente a que ela está ligada, desvendar as idéias latentes a que ela se prende na psique do artista" (6). Evoca, como exemplo, o estudo freudiano sobre Leonardo da Vinci, embora reconhecendo que "a falta de elementos essenciais para a análise, em relação a Leonardo da Vinci, impede que o trabalho de Freud represente a expressão indiscutível da verdade".

Destacou a importância do simbolismo na obra literária (7), que a seu ver, "de acordo com as leis da psicologia, empresta ao trabalho crítico uma profundidade e um valor científico inestimáveis". Antevendo a crítica de que a análise dos símbolos encerra grande impressão, Durval Marcondes justifica suas idéias explicando que o artista, enquanto "perscrutador de nossos clamores inconscientes", é um psicólogo sem o saber, enquanto que o "crítico, ao contrário, é um psicólogo consciente e, como tal, é na psicologia científica que deve procurar sua técnica". Nesses argumentos fundamentou a concepção da crítica literária como verdadeira ciência, se firmada nos métodos da psicanálise que tem suas bases nos dados da observação científica".

Convencido da veracidade das lições de Freud, que lia com rigor e profundidade (8), Durval Marcondes cedo percebeu a eficiência da psicanálise na prática do seu consultório, o que lhe valeu a alcunha de "excêntrico" e "esquizóide".

A evolução do seu trabalho, na clínica psicanalítica, pode ser aferida nas publicações de relatos clínicos, acompanhados de comentários médicos de outras especialidades. Os casos apresentados, de modo geral, constituíam o resultado de dois ou três anos de tratamento psicanalítico de pacientes, geralmente enviados por colegas médicos. A apresentação e a publicação dos referidos casos representaram um fator de vanguarda na divulgação dos temas psicanalíticos entre a classe médica, já

(6) Idem, ibidem, p. 13.

(7) Durval Marcondes mencionou o texto extraído de Régis e Hesnard *Psychanalyse des Névroses et les Psychoses*, sobre o emprego do «motivo da escolha da caixinha» presente no «Mercador de Veneza» e no «Rei Lear» de Shakespeare. Encontra a mesma analogia na histórica da Gata Borralheira. Para evocar o motivo do incesto na literatura, mencionou Otto Rank e Freud na sua *Interpretação dos Sonhos*.

(8) Fato auspicioso no meio psicanalítico foi a tradução do primeiro trabalho de Freud em português: *Cinco Lições de Psicanálise*, por Durval Marcondes e J. Barbosa Correia, em 1931.

que Durval Marcondes foi pioneiro da terapia psicanalítica em São Paulo (9).

Observa-se que a temática dos primeiros casos enfatizava, sobretudo, aspectos genéricos da psicanálise, que demandavam esclarecimentos sobre a conceituação e aplicação desse novo campo de estudos.

Situa-se nesse caso o assunto: "Sobre a autenticidade dos acontecimentos da infância evocados durante a psicanálise". O autor aí, evocou aquilo que caracterizou como "verdadeiro fenômeno experimental". Referiu-se às dificuldades do paciente para vencer a resistência e rememorar um acontecimento da infância que "devia ter representado papel saliente na psicogênese da neurose". A exposição foi encerrada com algumas considerações sobre os mecanismos psíquicos de defesas, salientando "a pouca probabilidade que há na influência pessoal do analista na rememoração do passado afetivo dos doentes" (10).

No relato sobre o "Valor dos Sonhos na Prática Psicanalítica", Durval Marcondes alerta o médico para o cuidado de não interferir no conteúdo dos sonhos, pois, caso isso ocorra, poderá falseá-los. O material onírico emerge espontaneamente e é confirmado por novos dados pelo próprio paciente (11).

Com o objetivo especial de dirimir controvérsias sobre o emprego da psicanálise, o autor paulista apresentou o trabalho: "Os resultados

(9) Durval Marcondes apresentou os relatos clínicos nas reuniões da Associação Paulista de Medicina. A publicação dos relatos deu-se na *Revista da Associação Paulista de Medicina*. Afora as reuniões, por vezes, o autor redigia artigos sobre temas psicanalíticos que vinham acompanhados de estudos de casos da sua clínica. Devido às reservas dos médicos em relação à psicanálise, diversas vezes o médico paulista teve sua palavra cassada nas reuniões, porque entendiam que afirmava tolices.

(10) MARCONDES, Durval. Sobre a autenticidade dos acontecimentos durante a psicanálise. *Revista da Associação Brasileira de Medicina*, 193:243, março, 1932. Nesse mesmo ano, Marcondes comentou o artigo de Carneiro Ayrosa — «Tendência a beber em face da psicanálise», *Imprensa Médica*, 8(112):42, fevereiro, 1932. O psiquiatra paulista reafirmou que, segundo Freud, «a tendência a beber é uma das expressões do erotismo oral» e radica numa fixação da fase oral. A profilaxia do alcoolismo deve ser evitada a partir das seguintes medidas: 1) evitar fixações orais da libido, impedindo o uso desmedido da atividade oral; 2) sublimar ou condicionar derivativos úteis ou inócuos, quando esta fixação surja resistente, isto é, educar aperfeiçoando os impulsos. *Revista da Associação Brasileira de Medicina*, 5:366-367, novembro, 1932.

(11) Idem, «O valor dos sonhos na prática psicanalítica», *Revista da Associação Paulista de Medicina*, 1(3):244, março, 1932. Resenhas de artigos e livros também foram alvo de atenção de Durval Marcondes. É o caso do artigo «Psicologia em Pediatria», de Josef K. Friedjung, publicado na *Revista Médica Germano-Americana*, ano 5, nº 5, p. 225, maio, 1932, in R.A.P.M., São Paulo, maio, 1932. Trata-se de um caso de pediatria em que a paciente, com 8 anos, apresentou um quadro de escarlatina acompanhada de uma neurose com ataques de medo, tendo sido tratada «pela psicanálise segundo as regras de Anna Freud, e por mudança de ambiente». O artigo visou chamar a atenção da classe médica para as vantagens do uso da psicanálise para intervir nos conflitos educativos, em casos de perturbações do caráter das crianças.

do tratamento psicanalítico". Pondera que os resultados dessa terapia são definitivos e confiáveis, mesmo se, eventualmente, a análise for dirigida por pessoa incompetente. Essa questão era muito atual na época, porque não havia analistas didatas no Brasil para credenciamento de novos psicanalistas. Discorreu, também sobre os inconvenientes do preço e da longa duração do tratamento, mencionando os argumentos de Ernest Jones no sentido de minimizar esses aspectos que, a seu ver, nada representam face aos dispêndios de outros tratamentos. A alocação do autor paulista completou-se com a apresentação de cinco resumos de observações psicanalíticas do seu arquivo pessoal, atendendo a título de exemplo, modalidades clínicas diferentes⁽¹²⁾.

Persistindo na sua tarefa de assentar as bases da psicanálise na medicina em São Paulo, Durval Marcondes apresentou o trabalho — "Aspectos do aproveitamento prático da Psicanálise" no 1º Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Identificação, Medicina Legal e Criminologia — em julho de 1938. Essa apresentação vem revestida de um tom mais formal, não obstante terem sido discutidos os conceitos de psicanálise acompanhados de esclarecimentos sobre o "id", "ego" e "superego". O autor, em seguida, se deteve nas considerações sobre o critério da formação de psicanalistas, posto que, nessa época, Adelheid Kock já se encontrava em São Paulo e iniciara seu trabalho de "analista didata". Durval Marcondes adverte sobre as conveniências pessoais e profissionais da análise didática para os médicos voltados para a técnica freudiana. Finaliza a exposição, enfatizando que "a obra que se impõe à psicanálise no Brasil não é mais a de propaganda teórica, que, boa ou má, já está feita de sobejo, mas a formação de técnicos competentes"⁽¹³⁾.

Escudado no prestígio de sua clínica particular, a despeito da reserva que lhe era imposta pela classe médica, decidiu fundar já em 1927, em São Paulo, a primeira Sociedade de Psicanálise da América Latina, que chegou a ser, oficialmente, reconhecida pela Associação Psicanalítica Internacional. Seus componentes eram, em geral, médicos e outros profissionais interessados nas leituras de Freud. O objetivo dessa Sociedade foi, precipuamente, a difusão das idéias freudia-

(12) Idem, «Os Resultados do Tratamento Psicanalítico», in R.A.P.M., São Paulo, 6(3):20-28, março, 1935. O trabalho foi apresentado à Seção de Medicina em 20-04-1934. Na publicação do texto, o autor apresentou a seguinte bibliografia: FREUD, S. «Técnica de la Psicoanálisis». *Obras Completas*, ed. espanhola, vol. XIX. JELIFFE, S.E. *Técnica del Psicoanálisis*, 1919. FREUD, S. *Introducción a la Psicoanálisis*, 3ª parte: *Teoría General de las neurosis*. *Obras Completas*, ed. espanhola, vol. V. Idem, «El Analisis profano». *Obras Completas*, ed. espanhola, Vol. VII. JONES, Ernest *Traité théorique et pratique de Psychanalyse*, 1925. FENICHEL, O. *Outline of Clinical Psychoanalysis*. *The Psychoanalytic Quarterly*, vol. VII, nº 2.

(13) Idem, *Aspectos do Aproveitamento Prático da Psicanálise*, in *Neurobiologia*, 2(1):7-27, março, 1939.

nas já que não havia condições para atender os quesitos da formação de analistas. Por esse motivo, teve pouca duração.

Em 1928, foi editado o primeiro e único número da *Revista Brasileira de Psicanálise* que surgiu, na ocasião, como Órgão, da Sociedade Brasileira de Psicanálise (14). Nessa revista, Durval Marcondes publicou o artigo: "Um Sonho de Exame", Considerações sobre a *Casa de Pensão* de Aluisio de Azevedo (15). Nesse texto, o autor paulista, fundamentado na apreciação de "Sonho de Exame", de Freud (16), analisa o sonho de Amâncio, personagem de Aluisio de Azevedo, às vésperas da realização dos exames. Fundamenta-se no pressuposto freudiano de que o "medo do exame" dos neuróticos está, do mesmo modo ligado à angústia infantil. Percebe essa dinâmica no sonho de Amâncio, situação em que o juiz ou examinador aparece identificado com a imagem do pai, cuja autoridade o enchia de terror. Na situação romanesca divisou o autor paulista todos os componentes para explicar o "Complexo de Édipo" da infância do personagem e conclui que "Amâncio veio a sentir-se merecedor da temida cólera dos outros tempos quando sua conduta amorosa atual fê-lo culpado de um amor pecaminoso como aquele que, em criança, tivera por sua própria mãe". A decapitação pela guilhotina poderá, talvez, ser encarada, do ponto de vista psicanalítico, como um símbolo da castração" (17).

Com base nesse enredo, enaltece a contribuição da literatura para desvendar o mecanismo do inconsciente, que aí coincide com as leis descobertas pela psicanálise. Sugere um estudo mais atilado para saber "em que medida um sonho como o de Amâncio representa uma projeção do inconsciente do autor e pode contribuir para o seu retrato psicanalítico" (18).

Durval Marcondes fez reflexões psicanalíticas sobre vários temas. No que diz respeito à distração, como recurso psicoterápico emprega-

(14) Faziam parte da comissão de redação: Raul Briquet, Renato Jardim, Lourenço Filho, Wladimir Kehl, James Alvim e Durval Marcondes. A revista apresentou seis artigos: «A Psicologia de Freud» — Franco da Rocha; «Os Mitos e Lendas na Loucura» — Franco da Rocha; «Os Nossos Medos Secretos» — T. Ralph; «O Caráter do Escolar Segundo a Psicanálise» — J.P. Porto Carrero; «Um Sonho de Exame», «Considerações sobre a Casa de Pensão de Aluisio de Azevedo» — Durval Marcondes; Brutus. Considerações Psicanalíticas em torno de um fato histórico, Paulo José de Toledo. O reaparecimento da revista deu-se em 1967.

(15) MARCONDES, Durval. Um «Sonho de Exame». Considerações sobre a Casa de Pensão de Aluisio de Azevedo, in *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1(1):89-100, junho, 1928.

(16) FREUD, S. *La Interpretacion de los sueños*. Madrid: Ed. Biblioteca Nueva, Vol. I, p. 303. Apud MARCONDES, Durval, texto citado.

(17) Idem, *ibidem*, p. 98.

(18) Idem, *ibidem*, p. 100.

do na higiene mental, publicou o artigo "A Influência do Cinema na Agravação das Neuroses". Atestando suas afirmações com o relato de um caso, conclui que "um espetáculo teatral ou cinematográfico podem agravar o quadro psicopatológico, dadas as circunstâncias especiais que ligam o assunto da peça às condições afetivas de cada doente" (19).

"A Psicanálise dos Desenhos dos Psicopatas" constitui um artigo no qual interpretou as manifestações estéticas dos psicopatas segundo as concepções freudianas. Apontou os caracteres comuns à arte e à moléstia mental, fez uma longa digressão sobre o "sonho" e destacou o papel do "símbolo" como um meio de expressão do inconsciente, presente no sonho, na arte e no sintoma (20).

O conhecimento psicanalítico no Brasil, como em outros lugares, abalou sensivelmente os pilares da psiquiatria tradicional, reformulando os conceitos de saúde e doença mental, introduzindo uma nova metodologia para sua interpretação.

Refletindo sobre essas questões, o próprio Freud ponderou que a psicanálise não requer, para seu desempenho em consultório, profissionais formados em medicina ou em outro curso superior. Nesse sentido, afirmou: "é claro que o psicanalista pode prescindir, completamente, da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo. Porque o que ele necessita, em matéria de teoria, pode ser obtido na literatura especializada, avançando ainda mais, nos encontros científicos das Sociedades Psicanalíticas, bem como no contrato pessoal com os membros mais experimentados dessas Sociedades. No que diz respeito à experiência prática, além do que adquire com sua própria análise pessoal, pode conseguí-la ao levar a cabo os tratamentos, uma vez que consiga supervisão e orientação de psicanalistas reconhecidos" (21).

(19) MARCONDES, Durval. *Revista da Associação Paulista de Medicina*, Rio de Janeiro, julho, 1933.

(20) Para esse artigo, valeu-se da seguinte bibliografia: FREUD, S. *Las Neuropsicosos de defensa. Obras Completas*, trad. espanhola, vol. XI, p. 115. Idem, *Nuevas Observaciones sobre las neuropsicosos de defensa. Obras Completas*, trad. espanhola, vol. XI, p. 236. JUNG, C.G. *Veber die Psychologie der Dementia Praecox*, 1907. Idem, *Der Inhalt der Psychose*, 1908, 2ª ed., 1914. FREUD, S. *La Interpretacion de los Sueños*, parte II. *Obras Completas*, trad. espanhola, vol. VII. JONES, E. *Traité Théorique et Pratique de Psychalyse*, Paris, 1925. FERENCZI, S. *Sex in Psycho-Analysis (Contributions to Psycho-Analysis)*, Boston, 1916. JUNG, CG. *Lo Inconsciente*. Madrid, 1927. LEWIS, Nolan D.C. *Graphic Art Production in Achizophrenia. Cap. de Schizophrenia (Dementia Praecox)*, vol. V, de *A Series of Research Publications Association for Research in Nervous & Mental Disease*. New York, 1928. FREUD, S. *Introduccion a la psicoanalisis (parte I)*, *Obras Completas*, trad. espanhola, vol. IV. WEISS, E. *Elementi di Psicoanalisi*. Milano, 1931. PFISTER, O. *The Psychoanalytic Method*. SYDORI, E. von. *Primitiv Kunst und Psychoanalyse*, 1927. ROHEIM, G. *Primitive Man and Environment*. Artigo em *The International Journal of Psycho-Analysis*, vol. II, part 2, 1921. IDEM, R.A.P.M., 3(4):175-182, São Paulo, outubro 1933.

(21) Freud., ob. cit., p. 217.

Durval Marcondes concordou com Freud nos itens essenciais, porém, não transigiu no que se refere à exigência do curso superior, que considerou fundamental para o acesso de candidatos à prática psicanalítica no Brasil.

Essas preocupações foram explicitadas por Durval Marcondes em 1939⁽²²⁾, quando Adelheid Koch já se encontrava em São Paulo. Teoricamente, valorizava a formação didática do analista, em institutos especializados, como a única capaz de legitimar, do ponto de vista teórico e prático, o exercício da profissão. Reconhecia que, entre os estudiosos de Freud, encontravam-se aqueles que procuravam conhecimentos para uma "visão mais larga no campo das respectivas atividades ou profissões: sociologia, antropologia, metodologia, pedagogia, criminologia, estética, etc." Porém, mesmo para esse grupo, no seu entender, a leitura psicanalítica sem a prática dificultava uma ampla compreensão do assunto.

Intrigava-o, especialmente, a questão de saber se os diplomados em medicina poderiam exercer a prática da psicanálise. Nesse sentido ponderou, a partir de Freud, que "O indispensável é excluir os leigos não na medicina mas na psicanálise, como é o caso dos médicos em geral". A inclusão da psicologia na área da medicina, supostamente a partir do advento da psicanálise, não fez cessar as controvérsias que a psicologia suscitara entre os médicos que criticavam a ausência de caráter científico nesse campo de conhecimento. Essas considerações levam o autor paulista a recorrer a Bleuler⁽²³⁾ e Alexander⁽²⁴⁾ para justificar a análise leiga "como um fenômeno transitório que desaparecerá quando a medicina abandonar sua atitude unilateral da época presente". Ressalta, em seguida, que a análise leiga tornaria a psicanálise mais acessível, pois o analista leigo teve menos despesas para a sua formação. A grande preocupação de Durval Marcondes foi a de garantir ao analista leigo a assessoria de um médico para o diagnóstico do paciente e, eventual, indicação do tratamento psicanalítico.

Essas preocupações de Durval Marcondes são legítimas, se considerarmos o momento psicanalítico de 1939 em São Paulo. Embora Adelheid Koch já tivesse iniciado algumas análises didáticas, todos os psicanalistas que aqui exerciam a psicanálise eram leigos. Entre estes, citam-se, a par de Durval Marcondes, Flávio Dias, Virginia Leone Bicudo, Ligia Alcântara do Amaral, Darcy Uchôa. Possivelmente,

(22) MARCONDES, Durval. Aproveitamento prático da Psicanálise in *Neurobiologia*, 2(1)1-8, março, 1939.

(23) BLEULER, E. *El pensamiento indisciplinado y autístico en la medicina y la manera de evitarlo*, Madrid, apud MARCONDES, Durval, texto cit., p. 8.

(24) Discussion on Lay Analysis. In *The International Journal of Psychoanalysis*, Vol. VIII, part 2, 1927.

outros nomes, com menos projeção também exercessem a profissão dessa forma.

A discussão desse tema foi retomada por Durval Marcondes em diversas ocasiões ⁽²⁵⁾, tendo sido objeto de síntese no livro: *A Medicina e a Psicologia*. Inicia a obra com seu depoimento de estudante de medicina, quando constatou a precariedade dos diagnósticos da medicina que excluíam as bases psicológicas na análise dos sintomas. Situa o papel da psicanálise no aparecimento da medicina psicossomática e, após historiar os conflitos acadêmicos que essa nova ênfase suscitou na medicina, detém-se no papel da psicologia para os atuais cursos de medicina, invocando o testemunho de profissionais como Jairo Ramos, A. de Almeida Junior, Raul Briquet, Renato Locchi, Alípio Correia Neto e Zeferino Vaz. Reafirmou a importância da transferência e da contratransferência nas relações terapeuta-paciente e reconheceu as dificuldades de uma formação psicanalítica completa dos estudantes de medicina, sugerindo que ela poderia ser substituída por um trabalho de acompanhamento psicológico do aluno por meio de entrevistas. No final do texto, o médico paulista retoma a questão da análise leiga, sempre fazendo ponderações sobre a necessidade da presença do médico para o diagnóstico.

(25) Alguns textos de Durval Marcondes constituem o apêndice de seu livro *Medicina e Psicologia*, São Paulo: Livraria Martins Editora S/A., 1952. O primeiro desses textos, Sigmund Freud, *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, 6(1):1940, aponta o significado da psicanálise para a medicina orgânica que até então se impunha. Outro texto é resultado de uma entrevista concedida à *Folha da Manhã* de São Paulo, na edição de 02-12-1942. Tratava-se de um simpósio sobre o problema da reforma do ensino médico. Durval Marcondes inicia esse artigo discorrendo sobre o descompasso, no curso de medicina, entre o excessivo ensino teórico e a exígua prática clínica. Apesar da hipertrofia do primeiro aspecto, faltam noções de psicologia médica. Sugere que o curso deveria compor-se de três partes: 1) um curso de quatro ou cinco anos, compreendendo as seguintes disciplinas: Anatomia, Fisiologia, Patologia, Psicologia Médica, Clínica Médica e Clínica Cirúrgica. É o essencial, podendo-se acrescentar a Clínica Obstétrica e a Clínica Pediátrica. Em seguida viria um curso, que poderia ser ministrado por assistentes, compreendendo «noções ligeiras daquilo que em cada especialidade for útil ao médico em geral». Para finalizar, sugeriu um «curso teórico e prático de uma só cadeira, à escolha do aluno, entre as dos dois grupos anteriores...» Sob o nome — *Psicoterapia* — Durval Marcondes registrou uma palestra realizada no Simpósio da Associação Paulista de Medicina sobre «Rumos e Tendências da Terapêutica», publicada na *Revista Paulista de Medicina*, vol. XXXIII, nº 6, 1948. Percebendo a importância crescente da psicoterapia na medicina, aponta a transferência como fenômeno essencial. Expõe como esse conceito tem sido interpretado na psicanálise e na técnica da sugestão e sugere que «o problema da psicoterapia contemporânea é, pois, de conciliar as vantagens da psicanálise com as da sugestão». Conclui o artigo, mostrando a necessidade de se incluir no currículo de formação dos médicos a «técnica psicanalítica», pois entende que todo médico deve ser um psicoterapeuta. O último artigo é resultado de uma entrevista concedida ao *Diário de São Paulo*, no simpósio sobre a Necessidade da Criação da Cadeira de Psicologia do Curso Médico — e publicada na edição de 21-04-1949 (Seção «Diário da Medicina»). Nesse texto, insiste na necessidade de se incluir a cadeira de psicologia médica no curso de Medicina. MARCONDES, Durval, *idem*, *ibidem*, pp. 124-125.

A formação didática de Durval Marcondes se deu com o acompanhamento de Adelheid Koch⁽²⁶⁾, analista alemã que emigrou para o Brasil em 1937. Fora analisada por Otto Fenichel e pertencia ao Instituto de Psicanálise de Berlim, tido como modelo de ensino da psicanálise; seus membros eram reconhecidos analistas como Raul Abraham, Radó, Franz Alexander, Otto Fenichel, etc.

A vinda de Adelheid Koch resultou de um contato do Dr. Durval com Max Eitingon que, em 1930, enviou um relatório sobre as atividades do Instituto de Psicanálise de Berlim; esse fato despertou em Durval Marcondes o desejo de convidar "analistas didatas" para, no Brasil, dar início à formação de psicanalistas. Ernst Jones, então presidente da A.P.I. a par das intenções do psicanalista brasileiro, comunicou-as à Dra. Koch em 1936, por ocasião de um Congresso Psicanalítico em Mariembad. Prontamente ela concordou em vir para o Brasil que já figurava entre suas alternativas para emigrar.

O fator preponderante que favoreceu a vinda de psicanalistas estrangeiros para o Brasil foi a eclosão do nazismo, cuja intolerância em face da psicanálise fora manifestada, na Alemanha, em 1933, com a incineração das obras psicanalíticas. Essa hostilidade estendeu-se também aos membros judeus da sociedade Analítica de Berlim.

Antecipando o possível fechamento da "Sociedade", os analistas judeus retiraram-se e, posteriormente, emigraram para o Continente Americano. Citam-se, nesse caso, analistas famosos como René Spitz, convidado, inicialmente, para vir a São Paulo; com a Revolução de 1932, houve interceptação da correspondência e Spitz acabou se dirigindo para os Estados Unidos, destino também de Otto Fenichel.

Por motivos semelhantes, radicaram-se na Argentina, Bela Szekeley, Maria Languer, Racker e outros que desempenharam papel de destaque na criação do primeiro núcleo psicanalítico, não só nesse país, como também no Brasil, já que os primeiros médicos de Porto Alegre para lá correram em busca de "formação didática".

Chegando ao Brasil Adelheid Koch instalou-se no consultório de Durval Marcondes, onde passou a ser procurada para análise didática, inicialmente, por Flávio Dias em seguida, por Durval Marcondes, Virginia Leone Bicudo e Darcy Uchôa. Essas pessoas participaram de reuniões científicas, estudos teóricos e discussão de casos, constituindo

(26) Adeheid Koch era médica, formada pela Universidade de Berlim, em 1924. Em 1929 iniciou a «formação didática no Instituto da Sociedade Psicanalítica de Berlim, onde fez o curso teórico e a análise, durante quatro anos e meio, com Otto Fenichel; foi supervisionada, nas análises da parte prática, por Salomé Kemper e Teresa Benedek. (GALVAO, Luís de Almeida Prado, Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. Separata da Revista Brasileira de Psicanálise, vol. I, nº 1, maio, 1967). Constituem fontes de informações sobre A. Koch, seu «currículum vitae» (anexo deste trabalho) e os seguintes artigos, publicados em jornais: *Correio Paulistano*, São Paulo, 28-08-1958 e 31-08-1958; *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24-08-1958, 05-09-1958; *Folha da Manhã*, São Paulo, 26-08-1958, 27-08-1958, 30-08-1958; 05-10-1958; *A Gazeta*, São Paulo, 26-08-1958, 28-08-1958, 01-09-1958, 29-08-1959.

o núcleo inicial da nova Sociedade Brasileira de Psicanálise, cujo reconhecimento se deu pela I.P.A. em 1945. A presença de A. Koch foi marcada, aqui em São Paulo, pela tenacidade com que enfrentou o ambiente, às vezes francamente adverso⁽²⁷⁾. Exercia as funções de analista, fazia conferências e supervisionava casos de analistas em formação. O fator que sustentou sua permanência em São Paulo foi a divulgação da Psicanálise feita por Marcondes, o que lhe garantia um consultório bastante movimentado. Por outro lado, em nosso meio já circulavam as obras de Freud em espanhol e francês, facilitando a disseminação das idéias psicanalíticas⁽²⁸⁾.

Em dado momento, acenou-se com a idéia da formação de psicanalistas na universidade, sonho acalentado pelos seguidores de Freud, visando conferir maior rigor e cientificidade à prática psicanalítica.

Concorreu para esse projeto o fato da A.A. Brill, presidente da Sociedade Psicanalítica de Nova York, ter se correspondido com Marcondes (carta de 10 de julho de 1934) no sentido de enviar analistas, emigrados da Europa, para a América do Sul. O pioneiro paulista empenhou-se em trazê-los para a Universidade de São Paulo, cujo corpo docente vinha sendo formado por professores estrangeiros de vários países europeus⁽²⁹⁾. Essa idéia, porém, não foi viável e suas gestões no sentido de obter apoio oficial para fundar um instituto de Psicanálise, prosseguiram por meio de entrevistas na Imprensa, sem êxito.

Conquanto Durval Marcondes considerasse a "análise didática" de extrema valia e a ela, prontamente, tivesse se submetido, nunca cogitou em exercê-la, o mesmo ocorrendo com outras funções didáticas na Sociedade Brasileira de Psicanálise. Justificou essa atitude pelo propósito de não se envolver em pequenas controvérsias institucionais⁽³⁰⁾.

Em contrapartida, valorizava, especialmente, o exercício do magistério. Fora professor de psicologia social como assistente de Raul

(27) Certa feita sofreu agravos dos médicos paulistas quando, num Congresso decidiu-se comunicar às autoridades a presença de «charlatões» no meio médico: foi ameaçada de prisão, o que gerou muita inquietação porque o mesmo ocorrera, no Rio de Janeiro, com Werner Kemper, que passou várias horas na cadeia. Esses fatos repercutiram negativamente, no exterior, impedindo a vinda de outros dois analistas, um de Viena e outro dos Estados Unidos.

(28) MARCONDES, Durval. Homenagem Póstuma à Adelheid Koch, in *Revista Brasileira de Psicanálise*, 16:119, 1982.

(29) Numa conferência proferida na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, o Prof. Pierre Monbeig (1ª missão francesa - USP), logo após sua chegada a São Paulo, enalteceu o valor científico e universal da psicanálise, sugerindo que no Brasil se formasse um centro de estudos de «psicanálise brasileira» já que aqui as neuroses apresentavam um acento típico que as diferenciava das manifestações européias. Informação obtida em entrevista com Flávio Dias, em 07-11-1985.

(30) «... Eu não quis ser analista didata... E talvez tenha sido melhor assim, porque pude ser útil de outra maneira. Eu não quis ser analista didata, porque queria ficar fora desse fuxico todo que é a análise didática». MARCONDES, Durval. «Trajetória Modernista», in *IDE*, 4:9, 1978.

Briquet e, posteriormente, inaugurou a cadeira de Psicanálise no Curso de Ciências Sociais da Escola de Sociologia e Política. Na Universidade de São Paulo, atuou durante quinze anos como professor de Psicologia Clínica, função que exerceu até a aposentadoria compulsória em 1969. Acabou essa interrupção das atividades docentes com muito desgosto, reafirmando, sempre, sua disposição de ser professor universitário, a fim de poder dar vazão à sua curiosidade e capacidade de investigação ⁽³¹⁾.

Em 1938, foi criada em São Paulo a seção de Higiene Mental Escolar, que mantinha uma clínica de orientação infantil para assistência aos escolares psiquicamente desajustados. Durval Marcondes, médico psiquiatra da Secretaria da Educação em São Paulo, passou a dirigir esse trabalho até sua extinção em 1974 ⁽³²⁾.

Nessa época, Durval Marcondes era o único psicanalista em São Paulo e, nesse sentido, propôs-se a estender aos escolares desfavorecidos, os benefícios da terapêutica que aprendia com os pacientes do consultório.

O tema da Higiene Mental fora esboçado por Durval Marcondes já no final da década de vinte, quando preocupado com aspectos da psiquiatria preventiva, salientava a importância da higiene mental infantil. Ponderando sobre a imitação, como um dos fatores essenciais da formação do caráter, afirma que o temperamento é resultado

(31) Durval Marcondes candidatou-se a professor titular para a cadeira de Psiquiatria na Faculdade de Medicina, porém não obteve aprovação, tendo sido aprovado, na ocasião, o prof. Antonio Carlos Pacheco e Silva. Há notícias de que não fora aceito devido a sua adesão às idéias psicanalíticas. A propósito do assunto, convém mencionar que Antonio Carlos Pacheco e Silva definia-se frontalmente contra a psicanálise, posição evidente no prefácio do livro *Psicanálise, a Mistificação do Século*, de PINCKNEY, E.R. e PINCKNEY, S. São Paulo, Gráfica e Ed. Edigraf S/A., 1970.

(32) MARCONDES, Durval. A Higiene Mental Escolar por meio da Clínica de Orientação Infantil. In *Revista de Neurobiologia e Psiquiatria*, São Paulo, 6(6):5-14, novembro/dezembro, 1941. Outros artigos sobre o Serviço de Higiene Mental, fazem parte dessa Revista: MARCONDES, Durval e ARRUDA, Joy. «Avaliação dos Resultados Obtidos na Clínica de Orientação Infantil de São Paulo», pp. 259-262. MARCONDES, Durval. «Contribuição para o Estado do Problema dos Repetentes na Escola Primária (Condições físicas, psíquicas e sociais)», pp. 263-271. LOBO, José Inácio e VELEZ, Mário. «Hipogonadismo e Problemas da Conduta entre Escolares do Sexo Masculino», pp. 270-276. ARRUDA, Joy. «Sobre os Distúrbios Mentais entre os Professores Públicos. Estudo Estatístico», pp. 277-282. VELEZ, Mário. «Sobre a Instabilidade Psicomotora dos Escolares», pp. 288-292. Sobre o assunto apresentou uma síntese em reunião médica da Associação Paulista de Medicina. Mário Yahn e Anibal Silveira o felicitaram pelo trabalho que estava sendo realizado. Idem, R.A.P.M., São Paulo, 19(10):232-233, outubro, 1941. Em sessão conjunta com a Seção de Pediatria e com a Sociedade Paulista de Medicina e Higiene Escolar (17-12-1947) destinada a estudar a discussão do tema: «Higiene Mental da Criança» foram apresentados os seguintes trabalhos: «Higiene Mental na Primeira Infância», pelo prof. Pedro de Alcântara e «Higiene Mental na Segunda Infância», por Durval Marcondes. Nessa comunicação, além dos esclarecimentos genéricos sobre o trabalho de higiene mental, o médico paulista destacou a importância da escola na higiene mental, enfatizando a necessidade de o professor ter conhecimentos técnicos sobre o assunto e, sobretudo, um bom ajustamento psíquico. Idem, *ibidem*, São Paulo, 32(3):98, fevereiro, 1948.

do modelo de identificação da criança com os pais. Sugere aos pais cuidados especiais no que se refere a sua conduta de modo geral. Enfatiza, especialmente, a sugestibilidade infantil, que leva a criança a sofrer as influências nefastas da autoridade excessiva dos pais ou da manifestação dos seus temores. Afirma que à psicanálise tem sido reservado o papel de desvendar as "fobias e angústias" dos neuropatas; esses males encontram-se no inconsciente e constituem "fantasias da época infantil" (33). Para o serviço de Higiene Mental Escolar, seguiu o modelo das "Clínicas de Orientação Infantil" norte-americanas (34), tendo formado uma equipe multidisciplinar na qual incluía um médico psiquiatra, o médico internista, psicólogos e visitantes psiquiátricos.

Esses funcionários, na ausência de profissionais psicólogos, eram recrutados entre "professoras primárias que possuíssem um curso relacionado com higiene ou com o trabalho social, fosse o de educador sanitário, o da Escola Livre de Sociologia e Política, o da Faculdade de Filosofia, Seção de Sociologia, o da Escola de Serviço Social" (35). No plano da personalidade, deveriam apresentar "objetividade" e "equilíbrio emocional" decorrente de auto-análise que evidenciasse conhecimento e solução dos próprios problemas.

O atendimento era destinado a crianças desajustadas na escola e no lar e incluía, após o encaminhamento à clínica pela escola, uma visita ao lar do paciente pela visitadora psiquiátrica com o objetivo de compreender a etiologia do problema. Em seguida, a criança era encaminhada à clínica para se submeter aos testes psicológicos e aos exames psiquiátricos. Entrevistavam-se todas as pessoas ligadas à

(33) MARCONDES, Durval. «Sobre um Aspecto da Higiene Mental». *Educação*, São Paulo, 10(1):39-41, janeiro, 1930. (palestra irradiada em 08-11-1929, pela Rádio Educadora Paulista).

(34) «A criação das clínicas desse gênero teve sua origem nos Estados Unidos e faz parte do movimento de Higiene Mental iniciado no primeiro decênio deste século por Clifford Beers. Nos Estados Unidos, em 1909, fundou-se em Chicago, sob a direção de William Healy, um instituto para estudar os casos submetidos ao tribunal de menores. Em 1929, a Comissão Nacional de Higiene Mental instalou diversas clínicas no país. Ao mesmo tempo, em New York, o Instituto de Orientação Infantil surgia com a finalidade de «assistência à criança problema e da pesquisa no terreno da higiene mental da infância» além de proporcionar «preparo técnico aos profissionais necessários às clínicas. Em São Paulo, a Seção de Higiene Mental Escolar foi chefiada por Durval Marcondes, subordinada à Diretoria do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação de São Paulo. Teve início em 1927, quando o aparelhamento escolar do Estado passou a ter um médico psiquiatra, que lhe foi incorporado definitivamente, pelo Decreto nº 4600, de 30-05-1929. O trabalho, abrangendo o ensino dos débeis mentais e a assistência à criança problema em geral, ampliou-se em 1938, com a criação da Seção de Higiene Mental, junto ao Serviço de Saúde Escolar. Essas informações foram, em parte, obtidas por entrevista com Durval Marcondes em 1960 e, em parte, do preâmbulo do livro que organizou com artigos sobre o Serviço que dirigia. MARCONDES, Durval e col. *Noções de Higiene Mental da Criança*, São Paulo, Livraria Martins Edit., 1946, p. 11.

(35) BICUDO, Virgínia Leone. «A Visitadora Social Psiquiátrica e seu papel na Higiene Mental da Criança». *Idem*, ob. cit., pp. 61-65. *Idem*, *Função da Visitadora Psiquiátrica na Clínica de Orientação Infantil e Noções de Higiene Mental da Criança*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, pp. 79-91.

criança no lar e na escola e o tratamento se fundamentava em recomendações especiais acompanhadas, de perto, em todas as etapas, pelas visitadoras psiquiátricas.

Como a ênfase do trabalho dirigido de Durval era, essencialmente, psicanalítica, as visitadoras recebiam um treinamento de um semestre sobre os pontos importantes da teoria e prática dos princípios freudianos. Os casos estudados eram discutidos por toda a equipe que, com o decorrer do tempo, se especializava no tipo de terapia proposto. Para vários componentes do grupo, foi o despertar para a futura formação psicanalítica ⁽³⁶⁾.

Esse serviço, que Durval Marcondes resumia como a "aplicação da psicanálise à higiene mental escolar" ampliou-se consideravelmente. Seguindo sempre os princípios e as normas iniciais, veio a extinguir-se em 1974, não sem causar grande perplexidade e desapontamento ao seu fundador ⁽³⁷⁾.

Posteriormente, em São Paulo, as questões referentes à Higiene Mental foram objeto de tratamento nos Centros de Saúde quando Mario Yahn, em 1952, designado para esse trabalho, dispôs-se a trazer a con-

(36) Em entrevista a nós concedida em novembro de 1985, a profa. Lygia informou que concluiu o curso normal no Instituto Caetano de Campos, em 1928, tendo tido as primeiras aulas de psicanálise com Lourenço Filho e Noemy Silveira. Em 1930, fez o curso de Educadora Sanitária no Instituto de Higiene da Universidade de São Paulo. Fez análise didática com a Dra. Koch e teve como supervisora Hanna Segall. Seus primeiros pacientes enviados por Durval Marcondes eram psicóticos. Na década de cinquenta, ministrou as primeiras aulas de psicanálise para alunas do curso de Filosofia da Universidade de São Paulo. Após algumas leituras de Freud (*Psicopatologia da Vida Cotidiana* e *Interpretação dos Sonhos*), os alunos eram enviados para observação da relação mãe-bebê em lares paulistanos. A partir daí, os casos eram discutidos em equipe. Introduziu, com esses alunos, a Psicoterapia de Grupo e constatou, nesse trabalho, que o ensino de Psicanálise na Universidade é inexequível, dadas as restrições impostas pelo currículo, especialmente no que se refere à duração do ano letivo, que afetava a dinâmica do trabalho psicanalítico, que incluía, ao mesmo tempo, aulas teóricas e a prática analítica. Lygia Alcântara completou seus estudos de psicanálise na Inglaterra, especializando-se em Melanie Klein. Nas leituras de Bion fundamentou a psicoterapia de grupo. No que se refere à sua atuação no Serviço de Higiene Mental, redigiu dois artigos: «Lar Substituto e seu Papel na Higiene Mental da Criança», in MARCONDES, Durval e Col. *Noções de Higiene Mental da Criança*, São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946, pp. 119-132. O outro artigo da autora, «A Apatia e o Retraimento dos Escolares como Problema de Higiene Mental», encontra-se publicado na *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, 7(6):299-302, novembro-dezembro, 1941. No final de cada artigo a autora apresenta relatos de casos por ela atendidos junto ao Serviço de Higiene Mental.

(37) A ação relevante de Durval Marcondes também se fez notar como diretor do Serviço de Especialização em Psicologia Clínica da USP que, iniciado na Rua Jaguaribe, foi transferido depois para o prédio da Rua Maria Antonia e, em 1968 para o campus da Cidade Universitária onde no Instituto de Psicologia, constituiu o departamento de Psicologia Clínica. Do mesmo modo que nas Clínicas de Orientação Infantil, a orientação desse departamento na USP também era psicanalítica. No início, os seminários clínicos ocorriam às quintas-feiras, observando-se que o fato de vários dos seus frequentadores passavam a integrar, posteriormente, a Sociedade Brasileira de Psicanálise. O mestre freudiano abdicou das suas funções de professor com evidente pesar em 1969 por força da aposentadoria compulsória.

tribuição de psicólogos que, ao lado dos médicos, ampliariam o atendimento para os setores psicológico e social dos clientes e suas famílias. O objetivo era desenvolver um “trabalho prático e mais geral de prevenção dos desajustes que têm origem em razões emocionais”. O trabalho se iniciaria com o candidato ao casamento, preparando-o para o ajustamento conjugal e a educação dos filhos. Mário Yahn menciona a experiência positiva do Serviço de Higiene Mental Escolar dirigido por Durval Marcondes e refere-se ao valor da psicanálise que, ao lado da Psicologia Evolutiva e Psicologia da Gestalt, desempenhou um papel importante no trabalho do ajustamento do indivíduo. Para a elaboração do seu livro — *Higiene Mental* — recebeu a colaboração de Adelheid Koch e Virginia Leone Bicudo ⁽³⁸⁾.

Durval Marcondes estudou Freud com afinco e seriedade, porém não permitia que o caracterizassem como psicanalista ortodoxo. Tomou conhecimento de Melanie Klein, estudando-a a fundo e criticamente, por entender que a autora inglesa compreendeu Freud e não deformava sua teoria. Outros, autores como Ferenczi e Bion mereceram sua atenção, não tão efusivamente, porém, quanto Freud e Klein ⁽³⁹⁾.

Se analisarmos o trabalho de Durval Marcondes em São Paulo, percebemos nele o mesmo fio condutor, a mesma idéia seminal. Conquanto tenha desenvolvido seu trabalho em várias vertentes, seu único escopo foi o de disseminar a psicanálise e fazer valer o seu estatuto junto à medicina em geral. Apesar da tentativa frustrada da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise em 1928 — o que só veio a concretizar-se em 1945 — não podemos imputar-lhe o epíteto de psicanalista selvagem.

Desde cedo, imbuído de muita seriedade e de um rigoroso academicismo — chegando ao ponto de reunir-se, à moda de Freud, com um seletivo grupo de estudo às quartas-feiras — envidou todos os esforços para vincular o ensino da psicanálise à Universidade, bem como seus estudos e prática ao Instituto de Psicanálise. Porém, os revezes impostos pela ausência de um analista didata e os rumos históricos da fundação da Universidade de São Paulo impediram momentaneamente alguns avanços formais.

No entanto, com denodo e muita pesquisa, conseguiu expor seus pontos de vista nas associações médicas em que militou, nem sempre porém obtendo a aprovação incontestada dos colegas.

(38) YAHN, Mário. *Higiene Mental*. São Paulo: Edigraf, 1953. Idem, *Higiene Mental e Saúde Pública*. São Paulo: Edigraf, 1954. Idem, «Neuroses Infantis», *Revista Paulista de Medicina*, 41(6):426-428, São Paulo, dezembro, 1952. Nesse artigo, o autor sugere para o conhecimento das neuroses o estudo da psicologia infantil segundo quatro fontes: psicologia evolutiva, psicologia da «Gestalt», psicanálise e observação das relações interpessoais da infância com os adultos.

(39) GALVÃO, Luiz de Almeida Prado. «Durval Marcondes em Lapidção», 8/8. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 16:15, 1982. Psicanalistas que acompanharam de perto o trabalho de Durval Marcondes afirmam o ecletismo sempre presente nas suas concepções psicanalíticas.

A longevidade de Durval Marcondes o favoreceu na medida em que, dotado até o fim da sua vida da mesma lucidez e do mesmo vigor, pode presenciar as transformações sociais e institucionais no seu âmbito de atividade.

Se inicialmente teve frustrado seu ingresso na Universidade de São Paulo por determinação da força de uma psiquiatria pontilhada exclusivamente pela anátomo-patologia, mais tarde viu frutificar o seu trabalho junto a discípulos seletos que encamparam visceralmente a psicanálise (Virgínia Leone Bicudo, Lígia Alcântara do Amaral, Laerte Ferrão, Luís de Almeida Prado Galvão, David Ramos, Amina Maggi Piccini, Ryad Simon, Joy Arruda e outros).

A par das atividades clínicas cabe ressaltar o mérito do seu trabalho junto às Clínicas de Orientação Infantil que dirigiu, a partir de 1938, como psiquiatra do serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação de São Paulo. Conquanto o serviço de Higiene Mental tivesse tido início em 1927 em São Paulo, seu trabalho destinava-se ao atendimento dos "débeis mentais" e, mais esporadicamente, à assistência da criança problema em geral.

O apanágio significativo do novo programa do psicanalista paulista foi o do "estudo múltiplo" do caso-problema, de modo a abranger a complexidade de fatores que determinam o desajustamento do escolar: anátomo-fisiológico, psicológico ou social, ou todos concomitantemente. A ordem de incidência dos problemas era a seguinte: conduta irregular na escola (desobediência, rebeldia e indisciplina em geral; furtos, dificuldades de aprendizagem, instabilidade psico-motora, mentira, enurese, fugas da escola e do lar, incluindo a gazeta, problemas sexuais, timidez, tiques, sintomas histéricos, fobias, fantasia excessiva e agressividade. Para a observação e tratamento desses distúrbios de conduta concorriam todos os membros da equipe com especial valorização do papel da professora que recebia orientação específica para a percepção do problema e relacionamento interpessoal com cada criança.

Pode-se caracterizar esse trabalho dirigido por Durval Marcondes como embrião de um grande módulo de psicopedagogia que se não tivesse tido solução de continuidade em 1974, possivelmente hoje atenuaria a incidência do fracasso escolar na escola pública.

SUMMARY: Durval Marcondes was a pionner of psychoanalysis in São Paulo. We owe him the establishment of the Brazilian Association of Psychoanalysis, the first dissemination of scientific psychoanalytical thought in Brazil, as an internationally accepted institution. He was active in promoting student adaptation with the foundation of Children Orientation Clinics.

KEY-WORDS: Psychoanalysis. Medicine. Education. Adaptation. Childhood.

(Recebido em 8-06-88
e liberado para publicação em 16-11-88).